

TAKE A DEEP

BREATH



NÓS VOLTAMOS

AGAIN

Pegasus Lançamento

Apresenta



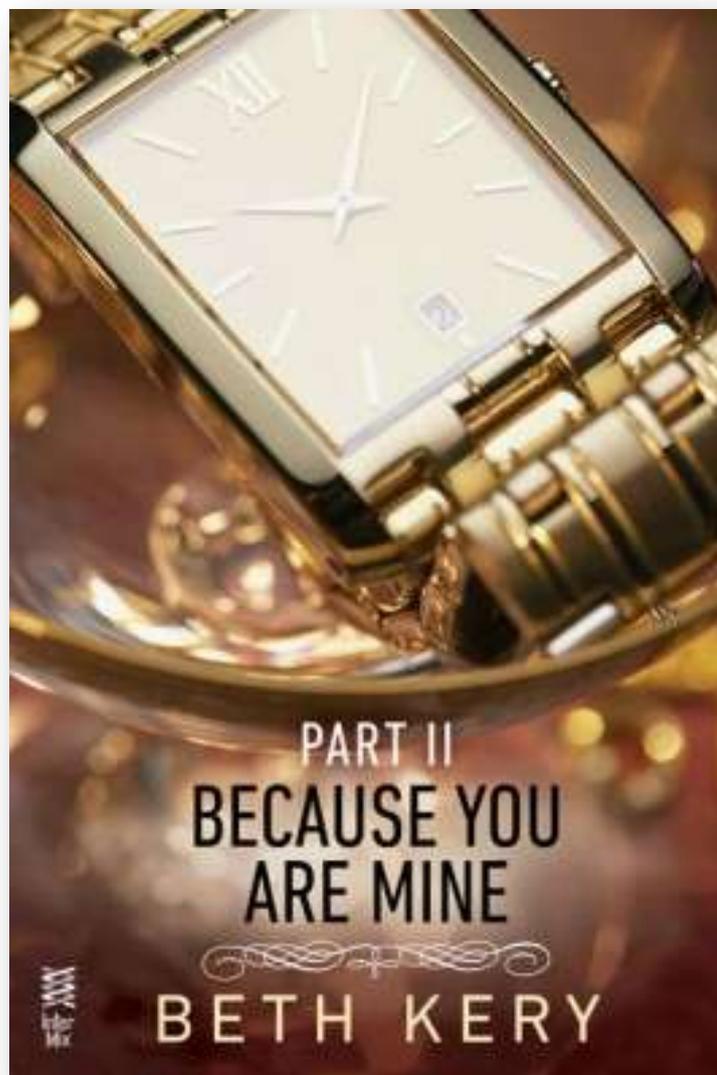
Mais um grande lançamento

PORQUE VOCÊ É MINHA

PARTE II

PORQUE EU NÃO PUDE RESISTIR

(BECAUSE YOU ARE MINE)



Beth Kery

EQUIPE PL

Disponibilização: Soryu

Tradução: Márcia de Oliveira

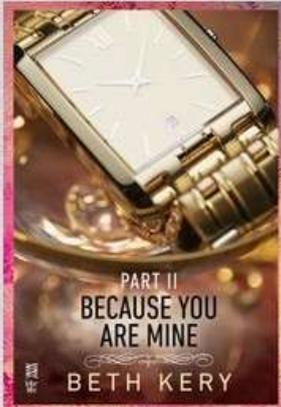
Revisão Inicial: Raquel

Revisão final: Carla Noble

Leitura Final: Soryu

Série Porque você é minha.

**2- Porque eu não
pude resistir
Lançamento**



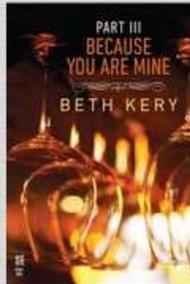
**LIVRO
CORRELACIONADO
EM 2013**



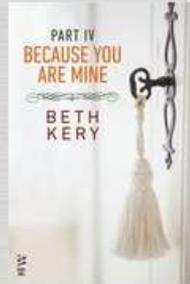
**1- Porque você
me tenta
DISTRIBUÍDO**



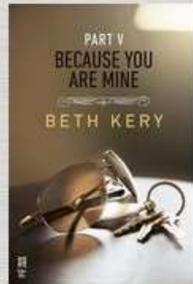
**3- Porque você
me persegue**



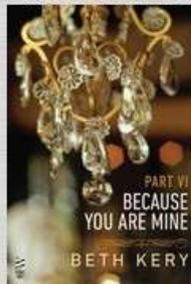
**4- Porque você
tem que aprender**



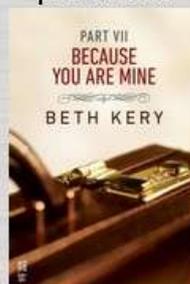
**5- Porque eu
disse assim**



**6- Porque você
me atormenta**



**7- Porque eu
preciso de...**



**8- Porque eu
sou seu**



**Pegasus
Lançamentos**

Dedicado

Minha mais profunda gratidão a Leis Pederson, Laura Bradford, Mahlet, e meu marido. Eu não poderia ter feito este projeto acontecer sem vocês. Além disso, muito obrigado a todos os leitores que apoiaram meus livros ao longo dos anos. Eu definitivamente não poderia ter feito essa carreira acontecer sem vocês.

Nota da Beth Kery

Como já disse em várias entrevistas, eu desejo a série “Porque você é minha” porque ela me deixa insaciável, viciada, dominante/submissa, sexualmente ativa, mas também eu desejo “Porque você é minha” por ela ter verdadeiros momentos românticos, por querer fugir para Paris, escutar musica num piquenique e tomar um café na calçada parisiense. Não percam os capítulos maravilhosos de “Porque você é minha”...

Comentários

“Uma história que te segura do início ao fim, (clichê) é apaixonante e viciante mesmo... Você quer sempre mais... quando termina um capítulo você se pergunta... e agora?!?!?! OMG... quero saber, quero saber o que acontece!!!!”

— Revisora Raquel

"Que história mais empolgante e enervante minha gente! Mais posso dizer com certeza que me apaixonei pelos personagens. Pela ingenuidade de Francesca e até mesmo pela sua beleza, ela é linda, inteligente, e talentosa. É uma mocinha com suas neuras e traumas que não vivia num conto de fadas mais nem por isso se deixou abater e seguir com sua vida. E assim ela conheceu Ian Noble.

Ah o Ian... Que homem delicioso!!! E que homem impetuoso, inteligente, rico, ai ai ai o que mais dizer sem estragar a leitura? Bom mais o que mais me marcou no Ian foi sua maneira em encantar a Francesca, em um dos livros ele a leva pra jantar e ela com suas neuras sobre sua beleza ele fala uma frase que me marcou e que me fez desejar ardentemente que meu marido pensasse assim...

Meninas leiam e se deliciem com esse romance ardente, apaixonante, e um pouquinho de BDSM. E que todas possam encontrar seus Ian Noble..”

— Revisora Carla Noble

“Um romance maravilhoso, que conta a história de um homem com um passado sombrio:

Ian Noble, um viciado em trabalho que vive na solidão, e acha que não é digno de amor, guarda um segredo obscuro, ele é praticante de BDSM, um dominador nato que busca submissas, sem grandes relacionamentos, que satisfarão se grande desejo!

Seu mundo muda, completamente ao conhecer Francesca Arno, uma jovem perturbada com baixa auto estima, de grande beleza.

Os dois se conhecem e é paixão a primeira vista. Um desejo tordido e cruel. Invade a alma dos nossos protagonistas.

Francesca Arno não é uma mulher comum é uma artista e arquiteta, que vive cheia de duvidas e retrações devido a uma infância e adolescente conturbada. Ela sente que não pertence a nenhum lugar, e dentro do seu ser pensa que necessita de alguém que tome todas as rédias do seu destino.

Francesca não sabe mas ela é uma submissa NATA!

Então deslumbramos o encontro de um maniaco por trabalho e controle e uma mulher que aneia ser amada e controlada...

São oito romances, que apresentam como duas pessoas diferentes, cheias de problemas conseguem se organizar e manter um novo romance...

É um romance bom? Sim é! Vale a pena ler!

É um romance viciante, gostoso, muito diferente do que se acha por ai!

É como uma novela nos ultimos capitulos depois que você começa a ler, não consegue parar!

E um grande lançamento, e espero que vcs apreciem tanto como eu”

— Revisora Soryu

“Uma historia realmente perversa” – Jaci Burton

*“Essa historia é tão quente que faz fumaça nas paginas” – Fallen
Angel Reviews*

*“Um dos melhores romances eróticos que eu já li” – All About
Romance*

“Minhas sobrancelhas quase chamuscaram” – Dear Author

Sinopse

Uma discussão acalorada entre Francesca e Ian, deixa a jovem e impetuosa mulher sozinha novamente, e livre para fazer o que ela quiser, e com quem desejar. Ela não está disposta a responder a qualquer homem, especialmente a Ian. Até que ele a captura. Quando ele a leva para seu apartamento, a tensão é incendiária. Uma coisa está clara para ambos: Francesca deve ser punida.

Indignada e insuportavelmente excitada, a ingênua Francesca perde qualquer controle que tinha. Afinal, Ian é muito dominador, um homem de combate. Ela o desobedeceu. Ela não merece isso. Francesca simplesmente não havia percebido o quanto ela o queria.

Mas quando Ian descobre o quão ingênua Francesca realmente é, começa a se questionar se não está indo longe demais, até mesmo para ele.

Capítulo 3

Francesca tinha intuído que seria uma má ideia se associar aos gostos de Ian Noble. Ela sabia a forma de sua profundidade, cada vez que ele olhava para ela com aquele brilho enigmático em seus olhos azul-cobalto. Ele não avisara de maneira sutil de que ele era perigoso?

Agora, não era uma prova disso? Quase 90 quilos, principalmente de carne masculina provocante, pressionando-a contra a parede. Ele estava consumindo-a como se ela fosse sua última refeição.

Ele soltou seu seio, agora distante de sua mão, e serviu-se de sua carne com sua boca saqueadora. Ele puxou seu mamilo novamente, fazendo uma sucção doce, afiada. Francesca ofegou, sua cabeça batendo contra a parede, enquanto a excitação apunhalava seu sexo, a força de sua reação era sem precedentes. A mão dele mão na junção de suas coxas pressionada, aliviando sua dor... a montando.

—Ian—, disse ela com voz trêmula.

Ele levantou a cabeça escura alguns centímetros e ficou olhando para seu seio. O mamilo estava brilhante avermelhado, o pequeno botão estava alongado e rígido devido ao trabalho da sua boca voraz, que lambia com sua língua. O corpo dele esticou; seu pau balançou contra sua barriga. Ele deu um grunhido áspero de satisfação masculina com a visão.

—Eu teria que ser uma porra de um robô para não querer isso—, disse ele em um tom baixo e selvagem. Ela choramingou devido a luxúria crua e a perplexidade. A expressão totalmente perdida misturava-se com seu olhar predador, fazendo algo mexer profundamente em seu espírito. Quem era esse homem? Ela odiava a

guerra, ela sentia isso nele. Ela colocou a mão na parte de trás de sua cabeça, franzindo os dedos pelo cabelo. Ele era tão sedoso e grosso quanto parecia. Ele piscou para ela. Ela empurrou sua cabeça para seu peito.

—Está tudo bem, Ian.

Suas narinas se dilataram.

—Não está tudo bem. Você não sabe o que está dizendo.

—Eu sei o que estou sentindo—, ela sussurrou. —Quem melhor para dizer isso?

Ele fechou os olhos por alguns instantes. De repente, sentiu a tensão estourar e ele estava beijando sua boca novamente, flexionando seus quadris, pressionando sua ereção em sua carne, macia abrigando-o. Francesca agarrou sua cabeça, sentindo-se afogar na essência dele. Através de uma névoa inebriante de luxúria subindo, ouviu passos distantes.

—Ah. Aí está você... desculpe-me.— Os passos começaram a recuar.

Ian levantou a cabeça, e ela ficou fixada por seu olhar. Ele mudou seu corpo, certificando-se de seu seio nu ficasse fora de vista antes de puxar seu blusão sobre sua carne exposta.

—*Qu'est-ce que c'est?*¹— Ian disse bruscamente. Ela olhou em volta, confusa com a pergunta proferida em francês, que ela não falava.

Os passos pausaram.

¹ O que é? (Em Frances)

—*Je suis Desole*². Seu celular não para de tocar no vestiário. Seja o que for que Lin queira falar com você parece realmente importante.

Ela reconheceu a voz de Lucien com seu sotaque francês. Parecia abafado, como se ele falasse de costas para eles. O olhar de Ian estava aborrecido, em cima dela. Ela percebeu o momento em que ele desistiu. Seu corpo ainda pressionado contra o dela, duro e excitado, mas uma porta em seus olhos pareciam se fechar.

—Eu deveria ter ligado mais cedo. Foi rude de minha parte. Negligente—, disse Ian, seu olhar nunca deixando o rosto de Francesca.

Os passos voltaram, e ela ouviu uma porta bater. Ele afastou-se dela.

—Ian—, ela perguntou fracamente. Ela se sentiu estranha, como se seus músculos já não soubessem mais o seu propósito, como se o peso e a força do corpo de Ian tivesse sido a única coisa que a mantinha em sua posição vertical. Sua mão bateu contra a parede na tentativa abrupta de consertar o mundo dela. Seu braço empurrado para frente. Ele agarrou seu cotovelo, firmando-a. Seu olhar passou por cima de seu rosto.

—Francesca? Você está bem?—, Ele perguntou abruptamente.

Ela piscou e assentiu. Ele parecia quase zangado.

—Eu sinto muito. Isso não deveria ter acontecido. Eu não pretendia fazer isso—, disse ele em um tom austero.

² Me Desculpe.

—Oh—, disse ela estupidamente, sua mente girando. —Isso significa que não vai acontecer de novo?

Sua expressão ficou desanimada. Em que diabos ele estava pensando? Ela pensou, desanimada.

—Você não me disse antes. Os homens com quem você vive, você dorme com um deles? Todos eles?

Seu cérebro paralisou.

—O quê? Como você ousa me pergunta uma coisa dessas? É claro que eu não durmo com eles. Eles são meus companheiros de quarto. Meus amigos.

Ele estreitou o olhar, acima de seu o rosto e seio.

—Você espera que eu acredite nisso? Três homens vivem na mesma casa com você, e toda a coisa é totalmente platônica?

Uma raiva brotou em sua consciência atordoada pela luxúria. Então aquele sentimento começou a rugir como uma grande onda. Ele estava propositalmente tentando insultá-la? Ele estava conseguindo. O bastardo era um irritante. Como se atreve a dizer algo assim para ela tão friamente depois do que ele tinha acabado de fazer?

(Depois do que ela tinha permitido que ele fizesse?)

Ela afastou-se da parede, parando vários metros de distância dele.

—Você perguntou, e eu disse a verdade. Não ligo para o que você acredita. Minha vida sexual não é da sua conta.

Ela começou a se afastar.

—Francesca.

Ela fez uma pausa, mas se recusou a lhe dar as costas. Uma humilhação começou a surgir, ao lado de sua raiva. Se ela olhasse para seu rosto, lindo presunçoso, ela poderia explodir.

—Eu só perguntei por que eu estava tentando entender o quão... Experiente você é.

Ela se sentiu chicoteada e olhou para ele com espanto.

—Isso é importante para você? Experiência—, ela perguntou, desejando que a pontada de dor que havia sentido em suas palavras não tivessem sido transmitida em sua você.

—Sim—, disse ele. Sem ternura. Sem concessão. Apenas sim. Você não é boa o suficiente para mim, Francesca. Você é uma estranha, estúpida, uma vez menina gorda.

Sua expressão endureceu, e ele desviou o olhar de seu rosto.

—Eu não sou o que você está imaginando. Eu não sou um bom homem—, disse ele, como se isso explicasse tudo.

—Não—, ela disse com mais calma do que sentia. —Você não é. Talvez nenhum dos bajuladores que te rodeiam já tenha dito isso, mas isso não é algo para se orgulhar, Ian.

Desta vez, ele não tentou detê-la quando ela correu para fora da sala.

Francesca se sentou à mesa da cozinha, e melancólica assistiu Davie passar manteiga nas torradas.

—O que aconteceu para te deixar em um humor tão ruim?— Não que o seu humor estivesse estelar desde ontem. Você ainda está se sentindo assim por causa do tempo?— Davie perguntou, referindo-se ao fato de que ela voltou para casa após as aulas ontem em vez de ir para a cobertura de Noble para pintar.

—Não, eu estou bem,— Francesca respondeu com um sorriso tranquilizador que Davie parecia não acreditar.

Inicialmente, ela havia ficado confusa e irritada com o que Ian havia dito e feito, na academia há dois dias, mas depois ela ficou preocupada. O que aconteceu ameaçava sua valiosa comissão?

Sua falta de “experiência” a fez menos valiosa para Ian, e, portanto, descartável? E se ele terminasse o seu acordo e ela não tivesse como pagar suas mensalidades? Ela não era um empregado típico de Noble, depois de tudo. Ela não tinha contrato, apenas o seu patrocínio. E Ian tinha a reputação de ser um tirano, não tinha?

Ela tinha estado tão ansiosa e confusa sobre como aquele beijo tinha alterado a sua posição com Ian que ela não poderia ir na casa dele e voltar a pintar.

Davie colocou uma torrada em seu prato e colocou um pote de geleia por toda a superfície da mesa.

—Obrigada—, murmurou Francesca, levantando a faca com indiferença.

—Coma—, Davie ordenou. —Isso vai fazer você se sentir melhor.

Davie era uma combinação de irmão mais velho, amigo e uma mãe babona para Francesca, Caden, e Justin. Ele era cinco anos mais velhos do que todos, tendo reunido todos eles depois que retornou do Noroeste para fazer seu MBA lá, ele conheceu Justin e Caden, eles estavam no mesmo programa, e logo viraram amigos. O fato de que Davie era também um historiador de arte, retornando para a escola a fim de obter as ferramentas necessárias para expandir a sua única galeria em uma rede prospera, imediatamente Francesca e ele, se tornaram íntimos.

Depois que Justin, Caden, e Davie receberam seus diplomas de pós-graduação, e Francesca como bacharelada, Davie tinha oferecido um quarto para ela na cidade. Os cinco quartos, com quatro suítes, que ele tinha herdado de seus pais no bairro de Wicker Park era muito grande só para ele. Além disso, Francesca sabia que Davie queria companhia. Seu amigo era vulnerável ao blues, e Francesca sabia que ter os três ao seu lado, o ajudaria a amenizar isso.

Os pais de Davie o haviam rejeitado quando ele confessou ser gay quando era adolescente. O fato de que os três haviam se reconciliado pouco antes da morte de sua mãe e seu pai, num um acidente de barco na costa do México, há três anos, fez Davie tanto grato quanto triste.

Davie ansiava por um relacionamento, mas ele era tão azarado na arena do romance quanto Francesca. Eles eram confidentes um do outro, um bálsamo para seus muitos amargos, sem brilho, e decepcionantes experiências de namoros.

Todos os quatro colegas de quarto eram bons amigos, mas Francesca e Davie eram mais próximos em seus gostos e

temperamentos. Enquanto Justin e Caden muitas vezes tinham objetivos comuns a muitos homens heteros em seus vinte e poucos anos: uma carreira lucrativa, diversão, sexo frequente com mulheres quentes.

—Era Noble no telefone?— Davie perguntou, olhando significativamente para o celular sobre a mesa. Droga. Ele tinha notado que a chamada que ela acabara de receber em seu celular que a perturbou.

—Não.

Davie lhe deu um olhar irônico após sua resposta monossilábica, e ela suspirou.

Ela não havia revelado o que havia acontecido na sala de exercícios de Ian Noble para Caden e Justin, que, como jovens brilhantes que trabalham num banco de investimento, estavam constantemente atormentando-a com perguntas sobre Ian Noble. Não havia maneira de ela dizer a eles que seu ídolo idolatrado a tinha segurado contra a parede e beijado-a, tocando-lhe até que suas pernas tornarem-se gelatina. Ela não contou a Davie, o que era um sinal do quão oprimida se sentiu com toda a experiência.

—Foi Lin Soong ligando, a menina de Noble de sexta-feira,— Francesca admitiu antes de dar uma mordida na torrada.

—E?

Ela mastigou e engoliu.

—Ela me ligou para dizer que Ian Noble decidiu fazer um contrato para a pintura. Ele está me pagando o valor total adiantado. Ela me

garantiu que os termos do contrato foram muito generosos, e que sob nenhuma circunstância Noble seria capaz de desistir de conceder-me a comissão. Mesmo se eu não terminasse, ele não irá solicitar a devolução do dinheiro.

A boca de Davie ficou aberta. Sua torrada caía em seus dedos. Com seu cabelo castanho escuro caindo sobre a testa e palidez de manhã cedo, ele parecia ter cerca de 18 anos de idade, naquele momento, em vez de seus 28 anos.

—Por que você está agindo como se ela tivesse te chamado para um funeral? Isso não é uma boa notícia? Que Noble quer assegurar que você vai receber o pagamento, não importa o quê aconteça?

Francesca largou sua torrada. Seu apetite tinha evaporado quando ela absorveu totalmente o que Lin disse, naquele tom, profissional e quente dela.

—Ele tem que ter todos em suas mãos—,ela disse amargamente.

—O que você está falando, Cesca? Se esse contrato é tudo que sua assistente diz, Noble está lhe dando carta branca. Você não tem que sequer aparecer e você receberá o pagamento.

Ela levou seu prato para a pia.

—Exatamente—, ela murmurou, ligou a torneira. —E Ian Noble sabe perfeitamente bem que fazer essa oferta é a única coisa que vai garantir que eu vá lá e termine o projeto.

Davie empurrou sua cadeira para trás para olhá-la.

—Você está me confundindo. Você está dizendo que estava realmente pensando em não terminar a pintura?

Quando ela considerou em responder, Justin Maker cambaleou até a cozinha vestindo um par de calças de moletom, seu torso nu, de ouro brilhando à luz do sol, os olhos verdes inchados pela falta de sono.

—Imediatamente café—, ele murmurou com uma voz áspera, chicoteando o ambiente. Francesca deu a Davie um olhar suplicante, de desculpas, esperando que ele entendesse que não queria continuar o assunto agora.

—Você e Caden passaram a noite toda no McGill novamente—, ela perguntou a Justin ironicamente, referindo-se ao seu bar favorito no bairro. Ela entregou o creme para o amigo.

—Não. Estávamos na casa de uma pessoa. Mas o que acha de jogar no McGill na noite de sábado?—, ele perguntou a Francesca, pegando o creme ela lhe entregou. —Ouvir a banda *Run Around*. Vamos todos. Noite de pôquer depois.

—Eu não acho. Eu tenho um grande projeto segunda-feira, e eu não sou tenho rendimento quando durmo tarde, minha rotina não é como a sua e do Caden—. Francesca disse assim que ela começou a caminhar para fora da sala.

—Vamos, Cesca. Vai ser divertido. Nós quatro não saímos em muito tempo—, disse Davie, surpreendendo-a. Como Francesca, a propensão de Davie para uma noite fora e selvagem diminuiu consideravelmente desde que eles deixaram Northwestern. O arco das sobrancelhas desafiador de Davie informou-lhe que ele pensava que uma noitada fora ia ajudá-la a aliviar sua preocupação.

—Eu vou pensar sobre isso—, disse Francesca antes de sair da cozinha.

Mas ela não o fez. Sua mente já estava consumida com o que ia dizer quando confrontasse Ian Noble.

Infelizmente, ele não estava lá quando ela chegou ao apartamento naquela tarde. Não que ela realmente esperava que ele estivesse. Ele normalmente não estava. Indecisa sobre o que ela devia fazer em relação a esse beijo, sem mencionar o seu futuro, ela entrou na sala que estava usando como estúdio.

Dentro de cinco minutos, ela estava pintando febrilmente. Ian Noble não decidiu por ela. Mesmo Francesca se não tivesse. A pintura tinha. A pintura tinha penetrado a seu sangue. Ela devia terminá-la, já.

Ela estava perdida em seu trabalho por horas, finalmente saindo de seu transe criativo quando o sol começou a mergulhar por trás dos arranha-céus.

A Sra. Hanson estava mexendo numa tigela quando Francesca cambaleou até a cozinha atrás de um pouco de água. A cozinha de Ian lembrava um local onde se poderia encontrar em um país Inglês em uma enorme mansão, com todos os utensílios concebíveis para cozinhar implementado já criado, mas de alguma forma ainda confortável. Ela gostava de se sentar lá e conversar com a Sra. Hanson.

—Você estava tão quieta, eu não sabia que você estava aqui!— A governanta idosa, amigável exclamou.

—Eu estava trabalhando duro—, disse Francesca, alcançando a maçaneta da geladeira de aço inoxidável enorme. A Sra. Hanson tinha insistido desde o primeiro dia que Francesca se fizesse completamente em casa. A primeira vez que ela abriu a geladeira, Francesca tinha exclamado surpresa de ver uma prateleira inteira de refrigerantes de soda gelados, juntamente com um prato de porcelana com limão em fatias cobertas de plástico. —Ian me disse que refrigerante de soda com limão era a sua bebida preferida. Espero que esta marca esteja tudo bem—, respondeu a senhora Hanson ansiosamente a sua exclamação.

Agora, cada vez que ela abria a geladeira, Francesca sentia correr o mesmo calor que experimentou pela primeira vez quando percebeu que Ian havia se lembrado de sua bebida preferida e depois deixara disponível enquanto ela trabalhava.

Lamentável, se repreendia quando ela retirou uma garrafa.

—Você gostaria de jantar?— A Sra. Hanson perguntou. —Ian não vai querer o seu por um tempo, mas eu poderia fazer algo para você.

—Não, não estou realmente com fome. Obrigado, no entanto.— Ela hesitou, mas depois deixou escapar: —Então, Ian está na cidade? Ele estará em casa mais tarde?

—Sim, ele mencionou esta manhã. Ele geralmente come às oito e meia em ponto, aqui ou em seu escritório. Ian gosta de sua rotina. Ele tem desde que eu o conhecia quando era um rapaz.

A Sra. Hanson olhou para ela.

—Por que você não se senta e me faz companhia por um tempo. Você está pálida. Você tem trabalhado muito duro. Eu tenho um pouco de água quente. Nós vamos fazer uma xícara de chá.

—Ok—, Francesca concordou, afundando-se em um dos bancos próximos à mesa. De repente, ela se sentiu fraca com exaustão, agora que sua criatividade e adrenalina estavam desaparecendo. Além disso, ela não tinha dormido bem nas últimas duas noites.

—O que Ian gostava quando era uma criança?— Francesca não pôde deixar de perguntar.

—Oh, uma alma tão velha, eu nunca vi nos olhos de alguém tão pequeno.— A Sra. Hanson respondeu com um sorriso triste. —Sério. Assustadoramente inteligente. Um pouco tímido. Uma vez que ele aquece você, tão doce e leal como eles podem.

Francesca tentou imaginar um menino sombrio, de cabelos escuros, tímido, seu coração apertou um pouco com a imagem de seu cérebro.

—Você parece um pouco de mau humor—, a governanta a consolou enquanto se movimentava aproximado-se, derramando a água quente em dois copos e depois arranjando alguns itens em uma bandeja de prata: dois bolinhos, uma colher de prata requintado e faca, dois nítidos guardanapos de pano branco, Devonshire, creme e geleia em um bocado em lindas taças da china. Nada era pequeno na casa de Ian Noble, nem mesmo para um bate-papo descontraído na cozinha. —A sua pintura não está indo bem?

—Está indo muito bem, na verdade. Obrigada—, murmurou quando a Sra. Hanson colocou uma xícara e pires diante dela. —As coisas estão se movendo. Você deve vir e dar uma olhada mais tarde.

—Eu gostaria disso. Quer um bolinho? Eles estão especialmente bons hoje. Nada como um bolinho com creme e geleia para dar um fora no mau humor.

Francesca riu e balançou a cabeça.

—Minha mãe morreria se ela ouvisse você dizer isso.

—Por quê?— Sra. Hanson perguntou, seus olhos azuis largos quando ela fez uma pausa no processo de pegar o creme doce em seu bolinho.

—Porque você está me incentivando a digerir o meu humor com os alimentos, é por isso. Meus pais, junto com meia dúzia de psicólogos infantis, tiraram os demônios de comer por motivos emocionais do meu cérebro desde que eu tinha sete anos de idade.— Ela percebeu a expressão confusa da Sra. Hanson. —Eu costumava ser muito acima do peso quando era uma criança.

—Eu nunca vou acreditar! Você é tão magra quanto uma varinha.

Francesca encolheu os ombros.

—Uma vez que fui para a escola, o peso caiu depois de um ano ou dois. Comecei a corrida de longa distância, então acho que isso ajudou. Pessoalmente, acho que estar na mira dos olhos dos meus pais críticos foi o argumento decisivo real, no entanto.

A Sra. Hanson fez um som saber.

—Ora, mais uma gordurinha não tem qualquer utilidade?

Ela sorriu.

—Sra. Hanson, você poderia ser uma psicóloga.

A governanta riu.

—O que Senhor Stratham ou Ian já me disse isso!

Francesca fez uma pausa no processo de beber o chá.

—Senhor Stratham?

—O avô de Ian, James Noble, o Conde de Stratham. Eu trabalhei para o Senhor e Senhora Stratham há 33 anos, antes de vir para a América para servir Ian há oito anos.

—Avô de Ian,— Francesca murmurou pensativo. —Quem vai herdar o título?

—Ah, um sujeito com o nome de Gerard Sinoit, sobrinho do Senhor Stratham.

—Não Ian?

Sra. Hanson suspirou e pousou o bolinho.

—Ian é o herdeiro da fortuna do Senhor Stratham, mas não do título.

Francesca enrugou a testa em confusão. Os costumes Ingleses eram tão estranhos.

—Era a mãe ou o pai de Ian que era filho dos nobres?

Uma sombra caiu sobre as faces da Sra. Hanson.

—A mãe de Ian. Helen era a filha única do conde e da condessa.

—Ela está...— Francesca deixou sair delicadamente, e Sra. Hanson assentiu com tristeza.

—Morta, sim. Ela morreu muito jovem. Vida trágica.

—E o pai de Ian?

Sra. Hanson não respondeu imediatamente. Ela olhou rasgado.

—Eu não tenho certeza se deveria falar dessas coisas—, disse a governanta.

Francesca corou.

—Ah, claro. Sinto muito. Eu não queria me intrometer, eu só...

—Eu não acho que você estava sendo impertinente,— a Sra. Hanson assegurou, batendo a mão dela onde ela pousava no balcão. — É que eu lamento que Ian tenha um histórico familiar bastante triste, apesar de toda sua fama e fortuna. Sua mãe era muito rebelde, uma jovem mulher... selvagem. Os Nobles não conseguiam controlá-la,— a Sra. Hanson disse com um olhar significativo. —Ela fugiu no final da adolescência e ficou desaparecida por mais de uma década. Os Nobles temiam que ela estivesse morta, mas nunca tiveram qualquer prova disso. Eles continuaram procurando. Foi um momento negro na casa Stratham.— A dor cintilou através do semblante da Sra. Hanson. —O senhor e senhora estavam frenético para encontrá-la.

—Eu só posso imaginar.

A Sra. Hanson assentiu.

—Foi um momento terrível, terrível. E não ficou muito melhor quando eles finalmente localizaram Helen vivendo em algum tipo de cabana no norte da França, quase 11 anos depois que ela desapareceu pela primeira vez. Ela era muito louca. Doente. Delirante. Ninguém conseguia entender o que havia acontecido com ela. Até hoje, ninguém parece saber. E lá estava ela, com Ian, aos dez anos.

A Sra. Hanson fez um som de asfixia e angústia. Francesca se apressou para sair do seu banco.

—Eu sinto muito. Eu não queria aborrecê-la—, disse ela, sua mente girando com uma combinação de curiosidade para obter mais informações sobre Ian e preocupada com a governanta. Ela localizou uma caixa de lenços e trouxe-o para a Sra. Hanson.

—Está tudo bem. Eu sou apenas uma velha tola—, murmurou a senhora Hanson, tendo um lenço. —A maioria diria que os Nobles não são nada, além de meus empregadores, mas para mim, eles são minha única família.— Ela fungou e limpou suas bochechas.

—Sra. Hanson. O que há de errado?

Francesca saltou ao som da voz masculina severa e girou. Ian estava na porta de entrada para a cozinha.

Sra. Hanson olhou ao redor culpada.

—Ian, você está em casa cedo.

—Você está bem?—, Ele perguntou, seu rosto tenso de preocupação. Francesca percebeu que o comentário da Sra. Hanson sobre considerar os Nobles como sua família era válido em ambos os lados.

—Eu estou bem. Por favor, esqueça—, disse ela, rindo alegremente e jogando fora seu lenço. —Você sabe como as mulheres de idade podem ficar piegas.

—Eu nunca soube que você é piegas, — Ian disse. Seu olhar saiu da Sra. Hanson e pousou em Francesca.

—Posso falar com você um momento, na biblioteca?—, Ele perguntou a ela.

—É claro—, disse ela, levantando o queixo e obrigando-se a não se encolher diante de seu olhar ardente.

Um minuto depois, virou-se ansiosamente ao som de Ian fechando a porta pesada de madeira nogueira da biblioteca atrás dele. Ele andou em direção a ela suavemente e gracioso como um animal predador. Por que ela estava sempre comparando tal homem sofisticado, contido em uma coisa selvagem?

—O que você disse para a Sra. Hanson?— Ele exigiu. Ela suspeitava que ele viesse com tudo, mas ela ainda se irritou com a inflexão sutil de acusação em seu tom.

—Eu não disse nada! Nós estávamos apenas... conversando.

Ele a encarou aborrecido.

—Falando sobre a minha família.

Ela resistiu de dar um suspiro de alívio. Aparentemente, ele apenas ouviu os últimos comentários e não tinha percebido que a Sra. Hanson tinha revelado sobre sua mãe. E ele. De alguma forma, ela sabia de um fato que ele estaria muito mais bravo se a Sra. Hanson tivesse comentado coisas mais particulares.

—Sim—, admitiu ela, endireitando e encarando-o, ainda que lhe custasse um grande esforço. Às vezes esses olhos de anjo se transformavam num anjo vingador. Ela cruzou os braços sob os seios. —Eu perguntei a ela sobre seus avós.

—E o que a fez chorar?—, Ele perguntou, seu tom cheio de sarcasmo.

—Eu realmente não sei, porque ela chorou—, ela retrucou. —Eu não estava a forçando, Ian. Nós estávamos conversando, tendo uma conversa educada. Você deveria tentar isso algum dia.

—Se você quer saber sobre a minha família, eu preferiria que você me perguntasse.

—Ah, e você vai repartir todos os detalhes, sem dúvida—, ela respondeu, seu tom tão sarcástico como o dele.

Seus músculos se tornaram tenso. De repente, ele caminhou em direção à mesa, grande reluzente e apanhou uma pequena estátua de bronze de um cavalo, e tocou-a. Francesca imaginou numa mistura de irritação e nervosismo se ele queria fazer com as mãos outra coisa além de estrangulá-la. De costas para ela, ela teve a oportunidade de estudá-lo pela primeira vez. Ele usava um par de calças impecavelmente cortada, uma camisa branca e uma gravata azul que combinava com seus olhos. Desde que ele sempre usava ternos para o escritório, ela

assumiu que ele tinha tirado o casaco. A camisa engomada encaixava-se perfeitamente em seus ombros largos. As calças envolviam seus quadris estreitos e pernas longas: masculinidade, elegante totalmente definidos. Ele realmente era um belo animal do sexo masculino, ela pensou ressentida.

—Lin disse que a contatou esta manhã—, disse ele, a mudança de assunto a deixou desprevenida.

—Ela fez. Eu gostaria de falar com você sobre o que ela disse—, respondeu Francesca, a ansiedade agora superando a sua raiva.

—Você pintou hoje—, disse ele, em vez de perguntar.

Ela piscou surpresa.

—Sim. Como... como é que você sabe?— Ela teve a impressão de que ele foi primeiro para a cozinha, em vez de ir para a sala.

—Há tinta no seu dedo indicador direito.

Ela olhou para sua mão direita. Ela nunca tinha visto ele sequer olhar naquela direção. Será que ele tem os olhos na parte de trás de sua cabeça?

—Sim, eu pintei.

—Eu pensei que talvez você não fosse voltar, depois do que aconteceu na quarta-feira.

—Bem, eu retornei. E não porque você pediu para Lin ligar e me comprar. Isso não era necessário.

Ele se virou.

—Eu acho que era necessário. Eu não vou ter que me preocupar se você pode ou não se dar ao luxo de terminar o seu mestrado.

—Além disso, você sabia que eu iria terminar a pintura se eu soubesse que você ia me pagar a comissão, não importa o que acontecesse—, disse, irritada, batendo em sua direção.

Ele piscou e teve a decência de olhá-la um pouco envergonhado.

—Eu não gosto de ser manipulada—, disse ela.

—Eu não estava tentando manipulá-la. Eu só não quero que você perca uma oportunidade que merecia, porque eu perdi o controle. Você não foi a culpada pelo o que aconteceu na academia.

—Nós fizemos—, ela murmurou, corando. —É difícil acreditar que participei da gafe do século.

—Eu queria fazer um inferno e muito mais com você, Francesca.

—Ian, você gosta de mim?— Ela perguntou impulsivamente. Suas pálpebras saltaram de largura. Ela não podia acreditar que tinha acabado de deixar escapar a pergunta que estava inflamada no seu cérebro há dias.

—Gostar de você? Eu quero fodê-la. Malvadamente. Isso responde a sua pergunta?

O silêncio que se seguiu parecia esmagar seus pulmões pelo tanto peso que tinham. O eco de seu grunhido baixo, acidentado parecia pairar no ar entre eles.

—Por que você está preocupado em perder o controle? Eu não sou uma garota de doze anos de idade—, ela conseguiu dizer depois de um momento. Seu rosto ficou mais quente quando seu olhar caiu sobre ela.

—Não. Mas você poderia muito bem ser—, disse ele, seu tom de repente soando desdenhoso. A humilhação a inundou. Como ele poderia ir do quente para o frio tão facilmente? Ela se perguntou, enfurecida. Ele deu a volta em sua mesa e sentou-se na cadeira de couro flexível. — Você pode ir agora, se não há mais nada—, ele disse, seu olhar educado. Indiferente.

—Eu gostaria que você me pagasse quando a pintura estiver pronta. Não antes—, disse ela, sua voz tremendo de raiva mal contida.

Ele acenou com a cabeça, pensativo, como se considerando o seu pedido.

—Você não tem que gastar o dinheiro até então, se você preferir. Mas toda a comissão já foi transferida para sua conta bancária.

Ela ficou boquiaberta.

—Como você sabe o número da minha conta?

Ele não respondeu, apenas levantou as sobrancelhas ligeiramente, sua expressão branda.

Ela mal conteve uma maldição escaldante que brotava de sua garganta. Desde que ela não poderia xingar o seu benfeitor por sua arrogância ou a sua generosidade, não havia mais nada que ela pudesse pensar em dizer a ele. A fúria fazia um curto-circuito no cérebro dela. Ela virou-se e começou a caminhar para fora da sala.

—Ah, e Francesca?— Ele chamou calmamente atrás dela.

—Sim—, ela perguntou, olhando para trás.

—Não venha trabalhar aqui na noite de sábado. Estarei me divertindo. Eu gostaria de privacidade.

Algo parecia cair em seu intestino como uma bola de chumbo. Ele estava dizendo a ela que iria sair com uma mulher neste fim de semana. De alguma forma, ela sabia disso.

—Não é problema. Eu estava pensando em sair no sábado à noite e respirar um pouco de ar fresco com meus companheiros. As coisas ficaram um pouco abafadas por aqui.

Algo brilhou em seus olhos antes que ela se virasse, mas sua expressão permaneceu ilegível.

Como de habitual.

Davie dirigiu o carro de Justin certamente através do movimentado tráfego da Wicker Park sábado à noite. Justin estava um pouco tonto depois de ouvir a Banda *Run Around* no McGill por duas horas. E Caden e Francesca estavam falando desse assunto.

Assim a conversa era insana.

—Vamos, Cesca,— Caden Joyner incitou no banco traseiro. — Todos nós vamos fazer uma.

—Até você, Davie?— Francesca perguntou de onde ela estava no banco do passageiro.

Davie encolheu os ombros.

—Eu sempre quis uma tatuagem no meu bíceps, uma daquelas à moda antiga, como uma âncora ou algo assim,— disse ele, piscando-lhe um sorriso quando ele se virou para a Avenida Norte.

—Ele acha que isso vai fazer dele um pirata—, Justin brincou.

—Bem, não vou fazer uma até que tenha tempo para desenhar o projeto eu mesma—, disse ela resolutamente.

—Desmancha-prazeres—, acusou Justin alto. —Onde está a diversão no planejamento para uma tatuagem? Você deveria acordar totalmente desorientada, numa manhã suja e não ter idéia de como conseguiu aquilo na noite anterior.

—Você está falando de uma tatuagem ou as mulheres que você leva para casa?— Caden perguntou.

Francesca caiu na gargalhada. Ela mal ouviu seu celular tocando em sua bolsa, graças a provocações de seus amigos. Ela olhou para seu telefone celular, não reconheceu o número.

—Olá—, ela respondeu, obrigando-se a cessar a rir.

—Francesca?

A alegria desapareceu de sua boca.

—Ian—, ela perguntou, incrédulo.

—Sim.

Justin disse algo em voz alta a partir do banco de trás, e Caden caiu na gargalhada.

—Estou interrompendo alguma coisa?— Ian perguntou, sua rigidez voz com sotaque britânico em contraste gritante com as brincadeiras de seus amigos turbulentos.

—Não. Estou com meus amigos. Por que você está me ligando—, ela perguntou, surpresa que seu tom de voz saiu mais direto do que pretendia.

Caden saltou uma gargalhada, e Davie se juntou a ele.

—Vocês... fiquem quieto,— Francesca repreendeu e foi sumariamente ignorada.

—Eu estive pensando sobre uma coisa,— Ian começou.

—Não! Vire à esquerda,— Justin gritou em voz alta. —Bart's Dragon Signs fica em North Paulina.

Ela engasgou quando Davie bateu no freio e ela se levantou contra o cinto de segurança.

—O que você está dizendo?— Francesca perguntou ao telefone, mais desorientada pelo fato de que Ian tinha ligado do que o fato de que seu cérebro tinha acabado de ser chacoalhado pela mudança abrupta da Davie de direção. Houve uma pausa longa na outra extremidade da linha.

—Francesca, você está bêbada?

—Não—, ela disse friamente. Quem ele era para dar esse tom crítico?

—Você não está dirigindo, não é?

—Não, não estou. Davie está. E ele não está bêbado, também.

—Quem é que, Ces?— Justin falou do banco traseiro. —É você, papai?

Risos saíram de garganta. Ela não podia fazer nada. Justin tinha ido bem ao alvo, dado o tom de santinho de Ian.

—Não diga a ele que você está prestes a fazer uma tatuagem na sua bunda maravilhosa!— Caden berrou.

Ela fez uma careta. Sua risada foi um bom negócio nesse momento tenso. Ela ficou embaraçada com o pensamento de Ian ouvindo as piadas de seus amigos. Ela estava provando que era tão imatura e desajeitada como ele pensava.

—Você não está indo fazer uma tatuagem—, disse Ian.

Seu sorriso desapareceu. Seu tom soou como um decreto mais do que um esclarecimento.

—Sim, eu estou considerando fazer uma tatuagem de fato—, respondeu ela ferozmente. —E, a propósito, eu não sabia que você tinha o direito de ditar minha vida. Eu concordei em fazer uma pintura para você, não me tornar sua escrava.

Caden, Davie e Justin de repente fizeram um silêncio mortal.

—Você andou bebendo. Você vai se arrepender de fazer algo tão impulsivo amanhã—, disse Ian, com uma pitada de raiva em sua voz calma.

—Como você sabe?— Ela exigiu.

—Eu sei.

Ela piscou para sua resposta, um silêncio tenso. Por uma fração de segundo, ela foi convencida de que ele estava absolutamente certo. Uma irritação cravou nela. Ela estava tentando esquecê-lo durante toda a noite, tentando fazer com que a memória dele dizendo que queria transar com ela desaparecesse de seu cérebro, e agora ele tinha que estragar tudo ao ligá-la e agir de modo irritante.

—Você me ligou por uma razão? Porque se você não fez, vou fazer uma tatuagem de um pirata na minha bunda—, disse ela, aleatoriamente pegando um detalhe da brincadeira dos seus amigos.

—Francesca, não...

Ela bateu o dedo na tela.

—Cesca, você não fez isso...

—Ela fez—, Caden interrompeu, parecendo surpreso e um pouco impressionado. —Ela não só deu uma bronca em Ian Noble como desligou na cara dele.

—Tem certeza de que quer fazer isso, Cesca?— Davie perguntou, depois de ela ter escolhido uma tatuagem de um pincel.

—Eu... Eu acho que sim—, ela murmurou, sua explosão brilhante de desafio diante a arrogância de Ian começava a desaparecer.

—É claro que ela quer fazê-lo. Aqui, temos uma outra bebida de coragem—, Justin sugeriu sabiamente, entregando-lhe o frasco de prata gravado.

—Ces,— Davie disse preocupado, mas ela pegou o frasco. Ela estremeceu com a sensação do uísque deslizando garganta abaixo. Ela odiava bebidas destiladas.

—Eu não gosto de meus clientes bebendo álcool antes de entrar na agulha. Aumenta o sangramento—, disse o tatuador barbudo e cabeludo rispidamente quando ele entrou na sala onde ela estava com seus três amigos.

—Oh, bem, nesse caso,— Francesca coberta, viu uma saída possível.

—Não seja covarde—, Justin insistiu. —Bart não vai te mandar embora, porque você tomou um drinque ou dois, você vai Bart? Ele tem ética graves, mas esquece deles muito rápido quando o dinheiro está na linha.

O tatuador olhou para Justin, mas Justin olhou para trás.

—Abaxe as calças e levante-se sobre a mesa,— em seguida Bart a agarrou.

Francesca começou a desabotoar sua calça jeans. Davie, Justin, Caden, e Bart viu quando ela se colocou de barriga para baixo, sobre a mesa.

—Aqui, deixe-me ajudar com isso!— Caden ofereceu ansiosamente quando ela começou a trabalhar o jeans e calcinhas para baixo sobre sua nádega direita. Davie agarrou seu braço, impedindo-o com uma ameaçadora carranca. Caden apenas deu de ombros, sorrindo timidamente.

—Aqui?— Bart pediu cerca de alguns segundos mais tarde, avançando. Seu toque na pele de Francesca enviou um arrepio de repulsa por ela.

—Sim, você pode fazer uma daquelas lindas covinhas acima da bunda dela uma espécie de pote de tinta para o pincel de imersão.

Francesca se assustou com o som de tom brando de Justin. Ela olhou para os lados. Justin foi sobre seu traseiro parcialmente nu com franco interesse masculino.

—Talvez devêssemos dar um olhar para a outra face apenas para obter uma imagem clara das coisas—, Caden sugeriu.

—Cala a boca, vocês dois—, ela ralou com eles. Ela se sentia desconfortável com Justin e Caden a olhando assim. Talvez esta fosse uma ideia estúpida, afinal. Seus pensamentos se dispersaram quando Bart se aproximou, um tubo em sua mão com uma agulha saindo do mesmo. Ela notou que as unhas estavam sujas. Ela temia agulhas. O uísque parecia ferver em seu estômago.

—Espere, vocês, não sei sobre isso,— ela murmurou, com os olhos bem fechados, enquanto tentava lutar contra uma onda de tontura.

—Vamos, Cesca. Hey... que porra.

Sua cabeça levantou-se ao som da exclamação de surpresa de Caden, o gesto brusco de enviar seu cabelo voando em seu rosto e, temporariamente, cegando-a. Ela sentiu o aperto de Bart empurrando, como se alguém tivesse agarrado seu braço.

—Solte ela agora ou eu juro que vou fazer com que você nunca more ou trabalhe nessa cidade de novo.— O aperto de Bart em seu jeans afrouxou. —Francesca, levante-se.

Ela seguiu as instruções concisas de Ian sem pensar duas vezes. Ela subiu em cima da mesa e puxou sua calça jeans, o rosto de Ian boquiaberto, furioso rígido em descrença absoluta.

—O que você está fazendo aqui?

Ele não respondeu, apenas continuou alfinetando Bart com um olhar de punção. Depois que ela fechou o botão, ele estendeu a mão e agarrou seu braço. Ela tropeçou atrás dele quando ele começou a seguir para fora da sala. Ele parou na frente do trio atordoado de Davie, Caden, e Justin. Ele parecia pairar sobre eles como uma escura torre proibida.

—Vocês três são seus amigos?— Ian perguntou.

Davie assentiu, com o rosto pálido.

—Vocês deveriam ter vergonha de si mesmos.

Justin parecia ir para a briga. Ele deu um passo a frente como se fosse discutir, mas Davie cortou.

—Não, Justin. Ele está certo,— disse Davie sobriamente.

O rosto de Justin ficou vermelho como um tijolo, e ele parecia disposto a discutir, mas Francesca parou neste momento.

—Está tudo bem, pessoal. Realmente,— ela assegurou Justin tenso antes de seguir Ian fora do salão de tatuagem, com a mão firmemente presa na sua.

Ela teve problemas para manter-se com seu passo de pernas longas, uma vez que estavam caminhando no escuro na rua arborizada. Ela realmente não achava que estava tão bêbada, então por que tinha o mundo assumido o brilho de irrealidade, desde que ela tinha ouvido a voz autoritária de Ian ordenando a Bart para deixá-la ir?

—Você pode me dizer o que diabos pensa que está fazendo?—, Ela perguntou sem fôlego quando trotou ao lado dele.

—Você baixou sua guarda novamente, Francesca—, disse ele com fúria de boca fechada.

—O que você está falando?— Ela exigiu.

Ele parou de forma abrupta na calçada, puxou-a em seus braços e desceu, beijando-a com força. Docemente. Por que não podia dizer a diferença quando se trata dos beijos de Ian?

Ela gemeu em sua boca, seu corpo ficou rígido antes moldado contra o seu comprimento longo. Seu sabor e aroma a atingiu como um tsunami de luxúria. Seus mamilos beliscaram apertados, como se sua carne sensível tivesse aprendido a associar o seu gosto com prazer. Ele

arrancou de sua boca, mais cedo do que ela esperava, ou queria, dada a forma quente e duro que ele sentia.

Deus, como ela o queria. A verdade, ardente e óbvio não tinha totalmente batido até aquele momento. Ela nunca tinha pensado que um homem como Ian estaria interessado sexualmente nela, por isso ela não se permitiu reconhecer plenamente seu desejo por ele.

A rua distante fez seu brilho nos olhos do rosto de uma forma sombria quando ele olhou para ela. Ela sentiu raiva e desejo em ressonância de seu corpo em igual medida.

—Como você se atreve a sequer considerar deixar que um bosta não licenciado coloque uma agulha na sua pele? E que tipo de idiota descobre a bunda em uma sala cheia de homens babando?— Ele disparou contra ela.

Ela engasgou.

—Homens babando... esses são meus amigos.— Ela piscou, absorvendo o resto do que ele disse. —Bart não tem uma licença? Espere... como é que você sequer sabe onde eu estava?

—Seu amigo gritou o nome do estúdio de tatuagem em voz alta e clara, enquanto estávamos no telefone—, disse sarcasticamente, afastando-se dela e deixando sua carne vibrando em protesto contra a sua ausência.

—Oh,— ela disse lentamente. Ela viu quando ele se lançou sobre da grama para a calçada e batido a porta aberta para um escuro, elegante, sedan muito caro.

Ela olhou para ele com cautela.

—Onde é que vamos—, ela perguntou.

—Se você escolher entrar, para a cobertura—, ele disse de forma sucinta.

Seu coração começou a tocar um solo de bateria em seus ouvidos.

—Por quê?

—Como eu disse, você baixou a guarda, Francesca. Eu disse o que ia fazer com você na próxima vez que fizesse isso. Você se lembra?

Seu mundo diminuiu para o brilho de seus olhos, em seu rosto escurecido e sua pulsação batia contra seus tímpanos.

Nunca se deixe indefesa, Francesca. Nunca. A próxima vez que você fizer, vou puni-la.

Um líquido quente correu entre as coxas. Não... ele não podia estar falando sério. Ela experimentou um pensamento selvagem que deveria correr de volta e participar das brincadeiras tolas, de seus amigos bêbados.

—Vai entrar no carro ou não—, disse ele, sua voz menos dura do que antes. —Só quero que você saiba o que vai acontecer se fizer isso.

—Você vai me punir?— Ela esclareceu trêmula. — Quer... quer bater em mim?— Ela não podia acreditar que tinha acabado de pronunciar essas palavras. Ela não podia acreditar quando ele balançou a cabeça uma vez.

—É isso mesmo. Sua transgressão ganhou umas palmadas também. Eu lhe daria mais se você não fosse uma novata nisso. E isso vai doer. Mas só vou dar o que você aguentar. E eu nunca, nunca prejudicarei ou a irei marcá-la, Francesca. Você é muito preciosa. Você tem a minha palavra.

Francesca olhou para as luzes do estúdio de tatuagem distante e de volta ao rosto de Ian.

Isto era uma loucura que não podia resistir.

Ele não disse nada, apenas fechou a porta atrás dela quando ela entrou no banco do passageiro de seu carro.

Capítulo 4

A porta do elevador deslizou silenciosamente e abriu, e ela o seguiu até a cobertura, experimentando uma trepidação em partes iguais de emoção.

—Siga-me ao meu quarto—, disse Ian.

Meu quarto. As palavras pareciam ecoar em torno de seu crânio. Ela nunca tinha estado nesta ala do condomínio enorme, ela percebeu distraidamente. Ela se arrastou atrás de si, sentindo-se como uma colegial que havia sido pega em flagrante. A antecipação inegável que sentia parecia indicar algo que ela não conseguia entender, de alguma forma, sabia que se cruzasse essa fronteira rumo aos aposentos privados de Ian, sua vida mudaria para sempre. Como se Ian compreendesse isso, ele parou em frente a uma porta de madeira esculpido.

—Você nunca fez nada como isso antes, não é?—, Disse.

—Não—, ela admitiu, desejando que suas bochechas não ruborizassem. Ambos falavam em voz baixa. —Está tudo bem para você?

—Essa não é minha primeira vez. Eu quero muito você, e tive que entrar em acordo com a sua inocência, no entanto,— ele disse. Ela baixou os cílios. —Tem certeza de que quer fazer isso, Francesca?

—Só me diga uma coisa primeiro.

—Qualquer coisa.

—Quando você ligou mais cedo esta noite... enquanto eu estava no carro? Você nunca disse por que estava ligando.

—E você gostaria de saber?

Ela assentiu com a cabeça.

—Eu estava aqui sozinho no apartamento. Não conseguia trabalhar ou me concentrar.

—Eu pensei que você disse que iria se divertir essa noite.

—Eu disse isso. Mas quando chegou a hora, não conseguia parar de pensar em você. Não poderia mais fazer.

Ela inalou irregularmente. Ele fez alguma coisa para ela, para ouvi-lo ser tão honesto.

—Foi quando entrei no estúdio e vi o que tinha pintado ontem. É brilhante, Francesca. De repente, sabia que tinha que ver você.

Ela abaixou a cabeça mais para esconder o prazer que sentia com suas palavras.

—Tudo bem. Tenho certeza.

Foi ele quem hesitou, mas depois chegou e girou a maçaneta. A porta se abriu. Ele acenou com a mão e ela entrou no quarto com cautela. Ian tocou em um painel de controle e diversas luzes brilhavam com a luz ambiente dourada.

Era um belo quarto calmo, de bom gosto e luxo. Um sofá e várias cadeiras estavam dispostas em uma área de estar diante de uma lareira

imediatamente à sua frente. Um arranjo de flor deslumbrante de lírios vermelhos, copo de leite e orquídeas em um vaso Ming enorme tinha sido colocado sobre uma mesa atrás do sofá. Sobre a lareira tinha uma pintura impressionista de um campo de papoulas, se ela não perdesse seu palpite, era um Monet original. Incrível. Seu olhar foi pego na cama com dossel enorme esculpida à direita decorada, como o resto da sala, em um rico marrom marfim e esquema de cores vermelho escuro.

—O senhor dos grandes aposentos—, ela murmurou, dando-lhe um sorriso trêmulo.

Ele acenou para outra porta com painéis. Ela o seguiu até um banheiro que era maior do que o quarto dela. Ele abriu uma gaveta e retirou uma roupa dobrada envolta em plástico transparente. Ele colocou-a sobre o balcão.

—Vá em frente e tome um banho e coloque esse manto. Apenas o manto. Deixe todas as suas outras roupas. Você vai encontrar tudo o que necessita nestas duas gavetas. Você cheira como fumaça e uísque.

—Eu sinto muito que você desaprova.

—Eu aceito o seu pedido de desculpas.

Seu temperamento explodiu novamente em sua resposta rápida. Um pequeno sorriso inclinando sua boca quando viu o retorno de seu desafio. Ele obviamente esperava.

—Você me agrada, Francesca. Além da medida.

Sua boca se abriu de surpresa com o elogio. Será que ela nunca aprenderia a lê-lo?

—Mas você tem de aprender a me agradar no quarto—, disse ele.

—Eu quero—, disse ela em voz baixa, surpreendendo a si mesma por sua franqueza.

—Ótimo. Então, para começar, eu gostaria que você tomasse banho e colocasse esse manto. Quando terminar, saia para o quarto, e vou administrar a sua punição.

Ele começou a sair do banheiro, mas fez uma pausa.

—Oh, e lave o cabelo, por favor. Deveria ser crime deixar seu glorioso cabelo, cheirando a fumaça —, ele murmurou baixinho antes de sair, fechando a porta atrás de si com um clique rápido.

Ela só ficou lá por um momento no chão imaculado de mármore telha. Ele pensava que seu cabelo era glorioso? Ela lhe agradou? Como ele poderia estar tendo pensamentos como esse sobre ela? Como ele poderia beijá-la até ela pensar que iria entrar em combustão espontânea e ainda olhá-la, por vezes, como se ela fosse tão interessante como uma pintura na parede?

Ela tomou banho completamente, aproveitando a experiência mais do que pensou que faria. A Box de vidro fechado no vapor rapidamente, os tentáculos de névoa quente parecendo acariciar e beijar sua pele nua. Foi bom ensaboar-se com o sabão Inglês de Ian, cobrir-se em seu perfume, limpo e picante. Felizmente, ela se depilou antes de sair para o McGill, de modo que não precisava se preocupar com pernas cabeludas.

Será que ele irá espancá-la enquanto estava nua?

É claro que ele faria, ela respondeu para si mesma quando abriu a porta de vidro do chuveiro e saiu. Ele foi claro quando disse a ela que a

queria nua sob o roupão. Ela tirou a peça da embalagem plástica. Era nova? Será que ele mantinha um suprimento de roupas no estoque para as mulheres que o “entretinham” ? O pensamento a deixou um pouco doente, então ela empurrou-o fora de seu cérebro, concentrando-se em encontrar um pente para seu cabelo molhado, desodorante, uma escova de dente nova e uma garrafa de anti-séptico bucal. Tudo foi organizado tão bem no gabinete que ela teve o cuidado especial de devolver os itens para seus devidos lugares.

Ela dobrou suas roupas e as colocou em um banquinho estofado. Seu reflexo no espelho lhe chamou a atenção. Sua imagem encarou de volta, seus olhos vendo o enorme rosto pálido, com o cabelo úmido pendurado. Ela parecia um pouco assustada.

Então, e se estiver com medo? Ela pensou consigo mesma. Ele disse que iria espancá-la e que iria doer. Ela concordou com suas aparentes práticas sexuais distorcidas, porque ela queria muito Ian.

Ela não sabia o que era maior: o medo ou o desejo de agradar Ian.

Ela caminhou em direção a porta e abriu-a. Ele estava sentado no sofá, um *tablet* em seu colo. Ele colocou o aparelho na mesa do café, quando ela entrou na sala.

—Eu acendi o fogo para você—, disse ele, seu olhar correndo sobre ela da cabeça aos pés. Ele ainda estava vestido com a mesma roupa que estava usando quando invadiu o salão de tatuagem, calças cinza escuro sob medida e uma camisa azul-e-branco. Suas pernas longas estavam cruzadas de forma negligente. Ele parecia totalmente à vontade. A luz do fogo cintilou em seus olhos. —Esta noite está fria. Eu não quero que você pegue um resfriado.

—Obrigada—, ela murmurou, se sentindo estranha e incerta.

—Tire a roupa, Francesca—, disse ele calmamente.

Seu coração disparou. Ela se atrapalhou com a faixa e tirou o manto de seus ombros.

—Coloque-o lá em baixo—, ele instruiu, apontando para a cadeira ao lado dela, seu olhar nunca a deixando. Ela envolveu a roupa sobre o encosto da cadeira e ficou ali, desejando que o chão se abrisse e a engolisse, estudando o intrincado padrão do tapete oriental debaixo dela como se ele guardasse os segredos do universo.

—Olhe para mim—, disse ele.

Ela ergueu o queixo. Havia algo em seu olhar que ela nunca tinha visto antes.

—Você é extraordinária. Impressionante. Por que você olha para baixo, como se estivesse envergonhada?

Ela engoliu em seco. A verdade constrangedora veio libertar de sua garganta.

—Eu... Eu costumava estar acima do peso. Até os meus 19 anos ou algo assim. Eu... acho que ainda não tenho muita confiança do meu corpo—, explicou ela, com a voz quase um sussurro.

Uma expressão sutil cintilou sobre suas características ousadas.

—Ah... Sim. Mas você parece tão segura de si, às vezes.

—Isso não é confiança. É desafio.

—Sim—, ele meditou. —Entendo agora. Melhor do que você imagina. É a sua maneira de dizer ao mundo que se foda, e olhar de cabeça erguida.— Ele sorriu. —Bravo, Francesca. É hora de você aprender como é bonita, porém, deve sempre controlar as forças que tem disponível para você, nunca deixá-las definharem, ou pior, permitir que outros as controlem. Venha diante de mim, por favor.

Ela foi até ele com as pernas tremendo. Seus olhos se arregalaram em confusão quando ele pegou um frasco que estava pousado na almofada ao lado dele. Ele era tão pequeno, e Ian tinha enchido seus sentidos tão completamente, que não tinha notado antes. Ele abriu a tampa e colocou um pouco da substância espessa e branca em seu dedo indicador. Olhando para cima, ele notou sua perplexidade.

—É um estimulante de clitóris. Ele aumenta a sensibilidade dos nervos—, disse ele.

—Oh, eu entendo—, ela murmurou, mesmo que não fizesse.

Seu olhar caiu entre suas coxas. Seu clitóris se contraiu em excitação, seu estimulante olhar foi suficiente.

—Eu sou muito egoísta quando se trata de você.

—O que você quer dizer?—, Perguntou ela.

—Eu sempre dou prazer a uma submissa se ela me agrada. Eu geralmente não estou preocupado se ela sente prazer enquanto ela está sendo punida, entretanto. Ela pode ter que suportar isso para conseguir sua recompensa. Eu acho que com você... será um pouco diferente, entretanto.

—Submissa—, ela perguntou fracamente, seu cérebro fez um buraco nessa parte de sua resposta.

—Sim. Eu sou um dominador quando se trata de sexo, embora eu não precise desses elementos de escravidão ou dominância para me excitar. É uma preferência para mim, não uma necessidade.— Ele se sentou a frente no sofá, de um modo que sua cabeça escura estava a centímetros do seu ventre, o nariz perto de seu sexo. Ela viu quando ele inalou e depois fechou os olhos brevemente.

—Tão doce—, disse ele, parecendo um pouco perdido.

Ela não teve tempo para se preparar para o que ele fez em seguida. Ele corajosamente mergulhou toda a espessura de seu dedo entre os lábios de seu sexo e esfregou o creme completamente em seu clitóris, seu toque certo... elétrico. Ela mordeu o lábio inferior para não gritar quando o prazer concentrado estremeceu através dela.

—Esta noite, eu irei puni-la, e não vou mentir. Eu irei me divertir. Muito. Mas quero que você sinta prazer também. Sua natureza vai determinar a maior parte disso, mas este creme vai ajudar a balançar as coisas na direção certa—, disse ele, enquanto continuava a massagear a substância sobre seu clitóris. Ele olhou para cima e viu sua perplexidade. —Eu não te treinarei para temer isso. Não quero que você deteste suas punições. Em uma palavra, não quero que você tenha medo de mim, Francesca.

Ele baixou a mão em seu colo. Seu olhar voltou para a união de suas coxas. Suas narinas, e seu rosto ficaram rígidos antes de ele se levantar abruptamente.

—Por aqui, por favor,— disse ele. Ela o seguiu até onde ele estava na frente da lareira. Seus pés pararam quando viu que ele pegou uma

espécie de colher de pau, longa e escura. —Chegue mais perto. Você pode olhar para ele—, disse ele quando tomou em sua desconfiança.

Ele levantou a pá para sua inspeção.

—Isso é feito à mão. Acabo de receber esta semana. Apesar da minha insistência de que nunca iria realmente usá-la para sua finalidade, eu tinha feito isso com você em mente, Francesca.

Seus olhos se arregalaram para isso.

—Eu vou fazer você queimar batendo no lado do couro—, disse ele calmamente. Um fluido quente jorrou entre suas coxas com seu tom prosaico. Ele virou-lhe o pulso, enviando o remo vários centímetros no ar, pegando-o quando ele caiu. Ela olhou com espanto. O outro lado estava coberto com pele de aspecto rico marrom escuro. —E aliviar a dor com o lado de vison—, concluiu.

Sua boca ficou seca, sua mente em branco.

—Nós vamos começar agora. Dobre-se e coloque suas mãos sobre os joelhos—, instruiu.

Ela fez o que ele pediu, sua respiração vindo em puffs irregulares. Ele veio e ficou ao lado dela. Ela deu-lhe um olhar ansioso para os lados. A luz do fogo brilhava em seus olhos quando seu olhar passou por cima de seu corpo.

—Deus, você é linda. Frustra-me que você não possa vê-lo, Francesca. Não no espelho. Não aos olhos de outros homens. Não em seu espírito.— Seus olhos se fecharam quando ele estendeu a mão e acariciou ao longo de sua coluna, em seguida, seu quadril esquerdo e nádega. Uma onda de prazer passou por ela. —Você realmente merece

ser punida mesmo considerando estragar sua pele. Tão impecável. Branca. Suave—, ele disse, seus dedos longos arrastando ao longo da rachadura de sua bunda. Suas pálpebras apertaram. Emoção subiu em sua garganta, confundindo-a. Ele parecia genuinamente impressionado.

Ela não descerrou as pálpebras até que ele parou de acariciá-la.

—Abra suas coxas um pouco e arqueie as costas. Isso vai me dar o prazer de ver seus seios adoráveis enquanto bato em você—, ele disse. Ela ajustou sua posição, arqueando sua coluna vertebral. Ela engasgou quando ele estendeu a mão, colocando em um de seus seios. Ele levemente e beliscou o mamilo, e ela estremeceu de prazer.

—Agora dobre seus joelhos ligeiramente. Isso vai ajudar você a absorver o golpe. Assim. Está perfeito. Esta é a posição que espero que você tome cada vez que eu bater em você.— Ela perdeu os dedos e a palma ficou quente quando ele transferiu a mão em seu ombro. —Sua pele é muito delicada. Vou te dar 15 golpes.

O lado de couro do remo atingiu sua bunda. Seus olhos saltaram de largura, e ela gritou. O flash rápido da dor desapareceu rapidamente a uma queimadura.

—Tudo bem?— Ian perguntou.

—Sim—, ela respondeu, honestamente, mordendo o lábio inferior.

Ele balançou novamente, desta vez batendo a curva suave de suas nádegas inferiores. Ele a pegou no ombro quando ela se moveu um pouco para depois do golpe.

—Você tem uma bunda maravilhosa—, disse ele, sua voz soando baixa e rouca. Ele bateu de novo. —Estou de acordo com a sua corrida. Sua bunda é elegante e firme e roliça. Ideal para uma surra.

Ela exalou bruscamente quando a pá caiu novamente. Quando foi que a sensação de queimação na sua bunda foi se transferindo para o clitóris? A pequena carne estava quente e formigando. Ian desembarcou outro beijo, e ela não pôde reprimir seu grito.

—Machucou—, ele perguntou, parando.

Ela apenas balançou a cabeça.

—Se for muito, você pode dizer. Eu vou amaciar os golpes.

—Não... Eu posso levá-lo—, disse ela com voz trêmula.

Ele abruptamente ficou atrás dela e segurou seu quadril, então apertou sua virilha contra ela. Ela engasgou com o sentimento de seu palpitante grande galo contra o lado de sua nádega.

—Não—, disse ele. —Isso é o quanto você me agrada.

As faces coradas com o calor. A queimadura em seu clitóris foi amplificada. Ele apoiou-se e pousou a pá de novo e de novo com afiados sons de estalo. Até o momento ele estava pronto para administrar o golpe final, o seu rabo parecia estar pegando fogo. Talvez ele percebesse pelo tremor em suas coxas, porque ele murmurou, —Segure firme— e seu aperto em seu ombro apertou. Ele apertou o instrumento em sua bunda machucada, como se cuidadosamente visando seu golpe final. Ele ergueu a pá e balançou.

Um grito saiu de sua boca incontrolável com o impacto. Ele a pegou quando seu corpo caiu para frente.

—Shhhh,— ele acalmou. —Esta parte está feita.

Ela gritou com voz trêmula quando ele virou a colher e começou a esfregar a pele sobre sua bunda em chamas. Era tão bom. O formigamento em seu clitóris se tornou uma dor que a assolava, queimando-a. Ela desejava se tocar, aplicar pressão. Era o instrumento na mão responsável por sua excitação dura ou foi o creme de estimulação que Ian aplicou? Só de pensar nele esfregando o emoliente em seu clitóris com o dedo longo e espesso a fez gemer. Ela se sentia febril. De repente, ele parou de acariciar sua bunda com a pele e incentivou-a a ficar com a mão no ombro dela.

Ela virou-se para ele em sua insistência, se sentindo estranha... atordoada... excitada. Ele não estava mais segurando a raquete. Ela ficou ali, o sentindo sobrecarregado, quando ele gentilmente tirou o cabelo de seu rosto.

—Você fez muito bem, Francesca. Melhor do que sempre sonhei—, ele murmurou, seus polegares roçaram suas bochechas. —Você está gemendo porque doeu?

Ela balançou a cabeça.

—Por que, então, linda?

Sua garganta estava muito apertada para falar. Além disso, ela não sabia o que iria dizer, mesmo se pudesse.

Ele embalou o queixo com as mãos. Estar acima do peso na maior parte de sua vida era demais para uma mulher, ela geralmente se sentia

enorme e desajeitada. Mas Ian era muito maior que ela. Próxima a ele, ela se sentia pequena, delicada... feminina. De repente, ela percebeu que suas mãos tremiam.

—Ian, suas mãos estão tremendo—, ela sussurrou.

—Eu sei. Suspeito que é porque estou me contendo muito. Estou segurando tudo em meu poder para não te dobrar neste segundo e te foder muito duro.

Ela piscou em choque. Ele pareceu perceber e fechou os olhos por um instante, como se pensando o que disse.

—Eu gostaria de espancá-la sobre o meu joelho agora. Isso me agradaria muito ter você em meu colo, à minha mercê. Mas você está muito sensível. Se o remo foi demais, não vou insistir em continuar.

—Não. Eu quero continuar—, ela sussurrou com voz rouca. Ela olhou em seus olhos. —Eu quero agradar você, Ian.

Suas pálpebras piscaram. Ele continuou a acariciar seu rosto com as almofadas do seu polegar, estudando-a de perto.

—Tudo bem—, disse ele, finalmente, parecendo resignado. —Mas venha para perto do fogo primeiro.

Ela o seguiu, mas ele desviou para o banheiro.

—Eu voltarei—, disse ele.

Ela esperou perto do fogo, o calor combinado com a excitação de seu corpo, criando uma estranha sensação de cansaço e de emoção. Ele voltou um momento depois, carregando um pente grande.

—Deixe-me pentear seu cabelo e deixe secar um pouco perto do fogo.

Ela olhou para ele, perplexa. Ele deu um pequeno sorriso tímido.

—Eu tenho que fazer alguma coisa para me acalmar um pouco.

Ela devolveu o sorriso trêmulo e, ao seu pedido, virou-se de costas para ele. A sensação de relaxamento e a paradoxal antecipação acentuada cresceu quando Ian abriu o cabelo em partes, reuniu um punhado em suas mãos e lentamente, sensualmente o penteou. Sua cabeça pendia.

—Você está com sono?—, Ele murmurou atrás dela. Sua própria voz parecia fazer seus mamilos formigar na consciência. O formigamento queimava em seu clitóris, mais forte, incessante.

—Não, não realmente. Só estou me sentindo bem.

Ele passou o pente desde a raiz por todo o caminho até as pontas que pendiam bem acima de sua cintura.

—Eu nunca vi um cabelo como o seu. Rosa ouro—, ele meditou ríspidamente. Ele acariciou seu traseiro que formigava, fazendo-a tremer, e exalou como em derrota. Ele colocou o pente sobre a lareira. —Para a ideia de me acalmar. Melhor só continuar. Siga-me.

Ele caminhou até o sofá e sentou-se na almofada do meio, suas coxas um pouco espalhadas. Ele olhou para baixo para o seu colo em um comando silencioso. Sua autoconsciência retornou com uma fúria. Ela estava nua e ele estava vestido e ela não tinha ideia do que deveria fazer. Ela engoliu em seco quando viu sua ereção pressionada contra a

virilha de suas calças, o eixo de seu pênis correndo ao longo de sua coxa esquerda. Olhando para a visão como se hipnotizada, Francesca desceu no sofá em suas mãos e joelhos, unindo suas coxas, em seguida, começou a baixar. Ele abriu a mão ao longo de suas costelas e quadris, guiando-a no local que ele queria.

Quando ela estava na posição, parte de seus seios estavam pressionados contra sua coxa esquerda, sua barriga estava cruzando suas coxas, e sua parte inferior curvada sobre sua coxa direita. Ele passou a mão ao longo de sua cintura, quadril e bunda, e ela sentiu o movimento de seu pênis contra suas costelas.

—Esta é a posição exata que você vai tomar uma surra sobre os joelhos. Você entendeu?—, Perguntou ele, com a mão quente agora acariciando sua bunda. Os nervos ainda estavam arrepiados, ainda desconfortável da batida.

—Sim—, disse ela, balançando a cabeça ao mesmo tempo. Seu cabelo caiu em seu rosto.

—Há apenas outra coisa—, disse. Ele cuidadosamente alisou o cabelo para trás e reuniu-o em um dos ombros. Ele empurrou levemente com a mão na parte de trás de seu crânio, e sua testa pressionou no tecido macio do sofá. —Eu, muitas vezes, te vendarei para te dar uma palmada, quero que você esteja totalmente focada na minha mão, o sentimento de sua punição... minha excitação. Mas, por agora, mantereí o seu rosto para baixo e feche os olhos.

Ela fechou as pálpebras e se contorceu em seu colo. Ela sentiu-o ir ainda.

—O quê? Será que isso excita você?

—Eu... Eu acho que sim—, disse ela, confusa. Ela supôs que ele estava certo. Uma pontada de luxúria havia passado por ela em suas palavras. Por que será? —Deve ser o creme—, ela murmurou.

Ele retomou acariciando sua bunda.

—Vamos rezar que seja mais do que o creme—, ele murmurou, e ela ouviu o sorriso na voz. —Agora fique completamente imóvel, ou vou bater em você com mais força.

Ele ergueu a mão e bateu sua nádega direita, depois a esquerda, depois a direita, em rápida sucessão, os ruídos ainda ecoavam em seus ouvidos, mesmo quando ele fez uma pausa. Ela mordeu o lábio para parar de gemer. Ele era obviamente experiente em bater; seus golpes eram precisos, firme, rápido, mas sem pressa. Ele iniciou outra rajada de golpes, cobrindo toda a sua bunda e as coxas. Sua bunda começou a queimar de uma maneira diferente do que tinha acontecido com o remo. A mão de Ian criava uma espécie, lenta fervor de calor que ressoava em toda sua pele. Ela também aprendeu rapidamente que ele gostava de espancar mais sobre a curva redonda inferior de suas nádegas. Toda vez que ele batia lá, seu pau balançava contra ela e ela sentia um salto de tensão em suas coxas. Suas palmadas cresceram cada pedaço tão quente quanto sua bunda. O calor de seu pênis, através do tecido da calça ressoava e em sua pele.

Ele deu um tapa na curva inferior de seu traseiro, então de repente agarrou a nádega toda e levantou sua virilha, moendo-a contra seu pênis. Sua frágil gemido misturado com seu grunhido baixo, feroz. Seu clitóris deixou de queimar para explodir devido a pressão e a consciência aguda de sua excitação. Ela sentiu-se tonta, febril, como se estivesse em chamas de dentro para fora. Ela não queria nada mais do que torcer em seu colo e começar a pressão em seu clitóris... trepar contra seu pênis como uma coisa selvagem, sem vergonha. Ele baixou

os quadris e retomou surra nela. Quando ele parou depois de uma rodada rápida de tapas e novamente moldado uma nádega avidamente em sua palma, seu controle quebrou.

—Oh, Ian... não. Me desculpe, mas não posso mais fazer isso—, ela gemeu, contorcendo-se em seu colo. Ele acalmou sua bunda ainda apertando na palma da mão.

—É muito doloroso?— Ele perguntou tenso.

—Não. Eu não consigo aguentar ainda mais. Estou queimando.

Por uns poucos segundos, ele não se moveu. Em seguida, ele soltou sua bunda e deslizou sua mão entre suas coxas. Ela choramingou em agonia frenética quando seus dedos deslizaram através de seu sexo exterior. Seu pênis saltou contra ela.

—Cristo... você está toda molhada—, ela o ouviu pronunciar. Ele parecia atordoado. Ela estava muito excitada para ficar embaraçada... muito longe. Ela engasgou quando ele colocou a mão no ombro dela, pedindo-lhe para levantar.

—Venha aqui—, ordenou, em tom duro.

Oh, não. Se ela tivesse irritado ele novamente? Ela empurrou-se de joelhos com a sua assistência.

—Meu colo—, ele ordenou.

Seus cabelos quase secos espalhados ao redor de seus ombros e costas ela fez a sua vontade. Ele colocou as mãos nos quadris, deixando-a quente, sua bunda queimando em suas coxas. Ele alisou o

cabelo para trás de seus ombros, expondo seus seios. O olhar fixo sobre eles, o lábio superior curvando ligeiramente em um grunhido.

—Olhe para isso—, ele disse em voz baixa. —Seus mamilos estão quase tão vermelhos quanto o seu rabo.— Seu olhar cintilou até seu rosto. —Assim como suas bochechas, Francesca... e seus lábios. Você gosta de ser punida, adorável. E isso me agrada muito. Vai ser tão bom foder sua buceta molhada.

Seu sexo se apertou dolorosamente. Ele abriu suas grandes mãos em torno de suas costelas e abaixou a cabeça, trazendo os seios para ele. Ela ficou tensa, esperando ele chupar, deliciosamente forte da mesma forma ele tratou seu mamilo na sala de ginástica, mas em vez disso, ele franziu os lábios ligeiramente, beijando um mamilo túrgido primeiro, depois o outro docemente.

—Tão perfeito—, ele sussurrou. Suas mãos se moviam rapidamente. Sua excitação disparou quando ela percebeu que ele estava desabotoando sua calça. Ele deslizou apenas a crista de seu seio entre os lábios, sugando levemente e chicoteando a carne com a sua língua, molhada.

Seu clitóris se contraiu, atormentando-a. Seu quadril se contraiu em seu colo. Ela não conseguia se controlar. Ela se agarrou em sua cabeça e fez um som selvagem e febril em sua garganta. Ele levantou a cabeça e olhou para o rosto dela.

—Está tudo bem,— ele acalmou, seus olhos azuis brilhando de luxúria. Ele moveu a mão, deslizando-a para baixo em sua barriga arfante. Ela choramingou quando ele deslizou o dedo entre seus lábios cremosos. Ele tocou seu clitóris. Isto foi tudo. Um toque.

Ela explodiu como um esconderijo de dinamite.

Ela mal sabia o que estava fazendo, tanto prazer inundando sua existência naquele momento. Por um momento ou dois, ele continuou a acariciar o clitóris quando o clímax trovejou através dela. Distante, ela estava ciente de ele xingava asperamente e empurrando-a mais perto de seu corpo, como se quisesse absorver os tremores do orgasmo. Ela balançou contra ele, impotente diante do prazer que rugia.

Ele mudou de mão. Ela gritou quando o sentiu apertar um dedo em sua vagina.

A próxima coisa que sabia, ela estava deitada no sofá ao lado de Ian, e ele estava olhando quando ela engasgou por ar.

—Você nunca esteve com um homem. Esteve?

Sua respiração sussurrada congelou. Ele realmente não tinha feito uma pergunta, mas uma acusação.

—Não—, ela disse, retomando sua respiração ofegante. Por que ele estava olhando para ela assim? —Eu te disse.

A fúria floresceu em seus olhos.

—Quando exatamente você me disse que era virgem, Francesca? Porque sinceramente duvido que eu teria deixado uma informação crucial deslizar pela minha mente,— ele rosnou.

—Há... antes de irmos para o quarto esta noite—, disse ela, apontando estupidamente para a porta de seu quarto. —Você perguntou se eu já tinha feito isso antes, e eu disse...

—Eu quis dizer se você nunca deixou um homem te punir. Dominá-la. Não fodê-la—, ele murmurou de uma forma alucinante. Ele se levantou bruscamente e começou a andar na frente da lareira, passando os dedos pelo cabelo curto. Ele parecia um pouco demente.

—Ian, o que foi...

—Eu sabia que isso era um erro—, ele murmurou amargamente. — Com quem eu pensei que estava brincando?

Seus lábios se separaram em crescente choque. Ele achava que isso tinha sido um erro? Ele estava rejeitando-a? Agora? Imagens frescas e sensações bombardeavam sua consciência, as lembranças de como ela tinha sido selvagem, totalmente fora do controle, cheia de desejo e necessidade.

Ela reaprendeu uma lição dolorosa de infância naquele momento, que teria feito bem em recordar esta noite. Ela teve suas necessidades expressas, se tornado vulnerável, para ter todas suas emoções honestas jogadas de volta para contra ela como se fosse lixo.

Lágrimas cegava-lhe os olhos, ela chegou desesperadamente para o cobertor de cashmere jogado no canto do sofá. Ela chicoteou em torno de seu corpo nu. Ian parou quando viu o que ela estava fazendo.

—O que você está fazendo?—, Ele latiu.

—Eu vou embora—, respondeu ela, espreitando para o banheiro.

—Francesca, pare neste segundo—, ele ordenou, sua voz calma... intimidante.

Ela fez uma pausa e olhou para ele. Ferida e fúria subiram nela, apertando sua garganta.

—Você acabou de perder o direito de mandar em mim—, ela ralou fora.

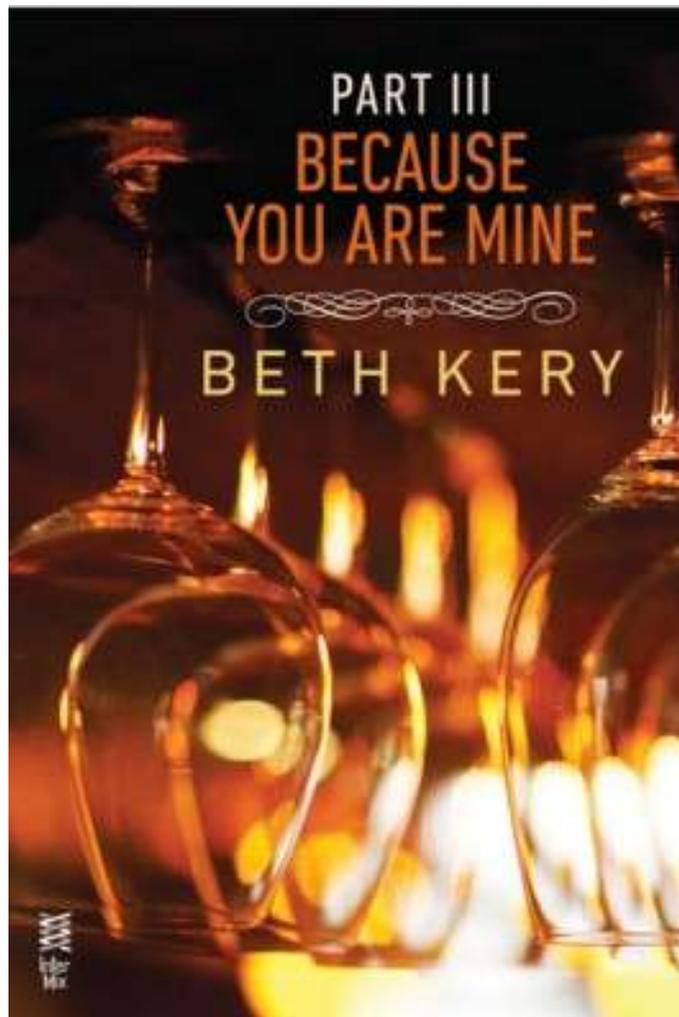
Ele empalideceu.

Ela virou-se a tempo de impedi-lo de ver as lágrimas se reunirem e derramando de seus olhos. Ian Noble tinha visto o suficiente de sua vulnerabilidade por uma noite.

Ele tinha visto mais do que suficiente para uma vida.

Continua...

PORQUE VOCÊ ME PERSEGUE



Sabendo o quão inocente Francesca é, Ian se encontra lutando com a decisão de persegui-la ou não. Mas ele tem que tê-la. Porque quando se trata desta obsessão particular, desejo supera toda a cautela.

Incomodada por seus próprios desejos, Francesca evita Ian até que ele a confronta com uma proposta tentadora: uma relação puramente física - sua recompensa: receber um prazer proibido. Pode ser um erro, mas sua necessidade de Ian não pode ser negada. De repente, ela chega a Paris, dominada pela beleza da cidade, por um homem irresistível ao seu lado, Francesca abandona todas as reservas e, finalmente, abre-se até o homem que tem assombrado suas fantasias.